

Estudo busca localizar água potável

SHEILA ALMEIDA
DA REDAÇÃO

Alunos e pesquisadores dos cursos de Engenharia Ambiental e Engenharia de Petróleo da Universidade Católica de Santos (UniSantos) farão um estudo sobre a disponibilidade hídrica da Baixada Santista para encontrar água que possa se tornar potável. O primeiro passo foi dado ontem, por alguns universitários. Eles conheceram tecnologias que serão utilizadas no processo a partir do meio do ano que vem.

O experimento foi na praia do José Menino. Cerca de 20 estudantes passaram sobre a areia um equipamento de geolocalização com uma espécie de radar subterrâneo (com ondas eletromagnéticas). Como a água salgada tem conduti-



Alunos da UniSantos farão o estudo com um aparelho de geolocalização

vidade maior que a água doce, o aparelho “enxerga” e emite sinais diferentes para o que es-

tá sob o solo. A aula prática mostrou aos alunos como são os gráficos produzidos pelo

equipamento, em tempo real.

Segundo Oleg Bokhonok, professor de Engenharia de Petróleo da UniSantos e pesquisador do Instituto de Pesquisa Científica e Tecnológica, equipamentos como o utilizado ontem possibilitarão o avanço no projeto sobre a disponibilidade hídrica da Baixada Santista.

O estudo vai mapear aquíferos – formações ou grupos de formações geológicas que podem armazenar água subterrânea. “Vamos mapear os dados e fornecer a informação à sociedade, tanto na parte de Geologia, a posição do aquífero, quanto sobre a profundidade e qualidade dessa água, se misturou-se à água do mar ou não”, diz Bokhonok.

Para os pesquisadores, o projeto é importante porque não há dados completos sobre o assunto na Baixada Santista. Além disso, a água que for encontrada em profundidade maior, por estar selada com camadas de sedimentos, pode ser potável. “A disponibilidade hídrica é limitada na Baixada Santista e é muito importante saber onde tem água para poder extrair”, diz o professor.

O equipamento usado ontem foi emprestado pela empresa Leica, que tem parceria com a Universidade. Se comprado, custaria de R\$ 250 mil a R\$ 300 mil. Mas a faculdade quer conseguir a tecnologia no meio do ano que vem, com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fehidro).

A primeira etapa do estudo terá dois anos e pretende mapear as areias do José Menino à Ponta da Praia. A pretensão é que a investigação seja contínua. Em março, os alunos começarão a pesquisar as infor-



O equipamento funciona como uma espécie de radar subterrâneo

mações já existentes sobre o tema.

TECNOLOGIA PARA A POLÍCIA

A Polícia Científica acompanhou o trabalho dos alunos. O motivo é que ontem o equipamento foi usado com ênfase forense. Professores e alunos cavaram dois buracos na areia. Em um deles, colocaram um boneco humano. Assim, os universitários puderam ver a diferença nos dados apresentados pela máquina.

Conforme Antônio Alves Monteiro, professor de pós-graduação em Geofísica Ambiental e Forense da UniSantos, es-

se tipo de equipamento é utilizado no mundo inteiro para procura de restos mortais de pessoas, metais ou algo que possa ser da esfera criminal.

“Hoje há essa tecnologia em São Paulo ou Brasília. Quando necessário, a polícia solicita. Quando a universidade adquirir, poderá ajudar a polícia científica”, completa o professor, que também é diretor do núcleo de Santos da polícia Científica.

O uso pode ser ainda em vazamentos de postos de combustíveis ou empresas de produtos químicos que gerem danos ambientais.